

NÃO EDUQUEMOS AS CRIANÇAS AO ÓDIO



Como descrever a guerra para as crianças? Nos últimos decênios a literatura científica e a ensaística procuraram responder a esta pergunta, colocando nela, também, uma nova perspectiva:

como as crianças descrevem a guerra, quem a sofre ou quem a vê através da televisão e das novas tecnologias, negando-a, “recusando-a” (ofuscando-a) ou recordando-a com uma flor, uma vela, uma oração.

Estamos vivendo hoje uma guerra mundial “fragmentada”, mas global, que se confunde entre ficção e realidade, sem a mínima percepção da verdadeira guerra e violência. Dos resultados de alguns estudos emerge um quadro dramático: foi comprovado que as crianças permanecem diante da tv (ou navegam na Internet) cerca de 4/5 horas por dia, a maior parte das quais, sozinhas, sem o filtro educativo dos adultos, também eles atraídos pela violência e pelos efeitos da guerra. Os noticiários de guerra e as reportagens sobre seu comando, junto com a violência da ficção, tornaram-se uma constante que pode ou poderia incrementar a violência e a agressividade nos telespectadores, em particular nos menores (como revelaram os estudos de Groebel, 1993, e Comstock, 1991). É evidente, e verificável de maneira empírica, que os menores, depois de terem visto ou ouvido as notícias de guerra ou a espetacularização da mesma, propendem a comportamentos “militarizados”, adquirindo armas de brinquedo para serem como o “soldado”. Uma reação e um comportamento que tendem a justificar a agressão e a guerra justa. Mas é sempre justa? Pensemos nas bombas lançadas com os seguintes dizeres: «Nós as mandamos com amor!». Mas o amor inclui a morte, a destruição? Jesus Cristo não nos disse para “amar o inimigo” e “perdoá-lo”? Para não ofender quem nos ofendeu?

A guerra pode ser descrita partindo do perdão e do diálogo, «que não é negociar» (Papa Francisco na Convenção de Florença, 10 de novembro de 2015). Certo, é difícil dialogar e perdoar, mas o único caminho para “lavar” o sangue e, também se fosse “vermelho”, torná-lo “branco como a neve”. Isso poderia acontecer de vários modos comunicativos, se a mídia, muitas vezes também as católicas, conseguissem não se influenciar pela audiência e pela

espetacularização do mal, que é apresentado como um bem. A propósito, vemos que coisa a “guerra” da imigração produziu, com os mortos e a exposição do menino “estirado na praia” também nos nossos semanários e mídia de inspiração católica. Expor aquilo que o mal realiza deveria ser para qualquer coisa, para qualquer evento. As imagens e os vídeos são potentes, mas a palavra é mais potente, «é potentíssima quando brota da alma e coloca em movimento todas as faculdades da alma nos seus leitores: mas quando o interior é vazio e a palavra não exprime senão a si mesma, permanece insípida, monótona» (Francisco De Santis); acrescentaria, violenta e devastante, quando gera guerra sobre guerra, ódio sobre ódio, distâncias e muros sempre mais altos. Imaginemos quando a palavra deve descrever fatos de, per si, trágicos.

Depois dos atentados de Paris (e não é a primeira vez, dado que a “Madonna del Carmine”, onde sou pároco, viveu com muita dor a perda do policial Giuseppe Coletta na destruição de Nassyria, em 2003), a catequese e a celebração eucarística com as crianças e adolescentes entraram em acordo para aprofundar seus medos e angústias. A resposta das crianças foi límpida, clara e dramaticamente denunciante: «Não temos medo da guerra, temos medo das pessoas».

A massiva comunicação cotidiana, em todas as horas – não respeitando a faixa etária na tv –, parece inserir o caráter emotivo dos eventos trágicos, suscitando o “medo do outro e no outro”, seja próximo ou distante. Muitas vezes a descrição da guerra, sendo mais “adaptada à tv” para a paz, reduz os corpos mortos em objetos a serem ostentados sem piedade.

Grande é a responsabilidade da mídia católica, a qual tem o dever de falar às crianças que devem ter entre as mãos lápis, cores, cadernos, livros; ir à escola e aos museus. Devem narrar que são e somos chamados a ser à imagem e semelhança de Deus, que é amor. Devemos educá-las ao amor e não à guerra e ao conflito, também se este, às vezes, é inevitável. O terror gera a paralisia, e as imagens e os relatos de guerra sem os caminhos da esperança provocam “imagens estáticas e repletas de ódio”.

Sendo assim, o que fazer? Mostrar ou esconder às crianças as imagens de guerra? Interroguemo-nos, pois, sobre como descrevê-la, não utilizando a vida das crianças, tornadas hoje um “business” da emoção.

Pe. Fortunato Di Noto
Fundador e presidente da *Meter onlus*